



EXCLUSIVO OPINIÃO

## As grandes certezas sobre o que ainda não se sabe sobre a FCT

*Sobre o que se vai suceder à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) quase nada se sabe. Às vezes é mesmo melhor esperar para ver.*



Miguel Prudêncio

4 de Outubro de 2025, 6:48

No dia 31 de julho, o Governo anunciou com estrondo a extinção da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), a principal agência de financiamento público da investigação científica em Portugal, e a criação de um novo organismo que visa “[casar a ciência e a inovação](#)”, o qual se designará Agência para a Investigação e Inovação (AI2). Esta decisão põe fim a uma entidade que, ao longo de 28 anos, assegurou a remuneração de milhares de investigadores, bem como o financiamento de múltiplos projetos de investigação nas mais diversas áreas e das instituições que compõem o sistema nacional científico e tecnológico. Simultaneamente, ela significa a saída de cena de uma estrutura que revelava inegáveis fragilidades na sua atuação, que nunca foi capaz de assegurar a previsibilidade do financiamento científico, e cuja máquina burocrática estava claramente desajustada da realidade.

Sobre o que se vai suceder à FCT quase nada se sabe. No entanto, pouco depois de esta notícia vir a lume, muitos pareciam já ter formado a sua opinião sobre o anunciado. “Medida ideológica e economicista”, o rompimento com “uma das poucas políticas públicas que (...) [garantiu alguma previsibilidade](#) (sic), continuidade e credibilidade ao longo das últimas décadas”, ou “[a extinção da ciência](#)”, clamaram uns. Vai criar-se “uma entidade que apoia, [mais e melhor](#) do que até agora”, o Governo “acertou [a bússola](#) das suas políticas”, ou “todos os parceiros ganham com [o empoderamento](#) da nova AI2”, afirmaram outros.

Entretanto, várias pessoas me foram perguntando o que eu achava do assunto. A essa questão fui sempre respondendo que não tinha ainda formado uma opinião porque desconhecia os pormenores do que aí vinha. Alguns não acreditaram na sinceridade da resposta, insinuando uma “agenda escondida”. Outros tentaram convencer-me da posição que eles próprios já tinham assumido, contra ou a favor desta decisão. Perante estes, coloquei-me sempre a mesma pergunta: mas como é que eles sabem como vai ser?

Vivemos num mundo em que as tomadas de posição sobre todo e qualquer acontecimento acontecem de forma praticamente imediata, sem tempo para a reflexão e para o questionamento. O que é que aconteceu ao “esperar para ver”, ao ter informação concreta e credível antes de formar uma opinião? Sendo a ideologia e as convicções partidárias não só naturais, como, para mim, desejáveis, o alinhamento cego da opinião de cada um com os seus pressupostos ideológicos ou partidários acarreta o risco de os comprometer com posições que mais tarde se veem contraditas pela realidade.

O caso presente é paradigmático. A FCT foi criticada por grande parte da comunidade científica ao longo de anos pela sua incapacidade de gerir uma atribuição meritocrática e, sobretudo,

previsível, do financiamento científico. Eu próprio escrevi diversos artigos altamente críticos da sua atuação, com títulos como “[Truques e subterfúgios da FCT](#)” ou “[A FCT bateu no fundo?](#)”, que deixam poucas dúvidas relativamente à minha opinião sobre o funcionamento desta instituição. Significa isto que, para mim, a sua extinção é inevitavelmente uma coisa boa? A resposta é: não sei, depende do que vier a seguir. Por outro lado, a minha carreira científica deve muito à FCT, desde a bolsa que me permitiu financiar o meu doutoramento em Inglaterra, até ao apoio financeiro às instituições de investigação onde tenho exercido a minha atividade científica em Portugal e a diversos projetos levados a cabo no meu laboratório. Significa isto então que a extinção da FCT é um desastre? A resposta, uma vez mais, é: não sei, depende do que vier a seguir.

Não confundamos o agnosticismo desta minha posição com a ausência de convicções ou expectativas sobre este assunto. Claro que as tenho, e são bastante fortes. Mas isso não se deve sobrepor àquela que deve ser a atitude de qualquer cientista perante o desconhecido: tirar conclusões depois, e não antes, de a experiência decorrer. É certo que há indícios sobre o que podemos esperar, mas até esses são contraditórios.

Por um lado, o modo como foi decidida e anunciada a extinção da FCT, sem uma devida auscultação dos principais intervenientes do sistema científico português e uma clara definição da política de ciência que se pretende para Portugal, prenuncia um processo pouco pensado e mal estruturado. Por outro, a idoneidade da professora Helena Canhão, secretária de Estado da Ciência e Inovação, e principal responsável por este processo, permite esperar que ele decorra de forma competente e bem conduzida.

A verdade é que ainda não sabemos o que vai acontecer, e surpreendem-me sempre as certezas absolutas sobre aquilo que ainda se desconhece. No laboratório, seria o equivalente a tirar conclusões antes de testar as hipóteses. É claro que qualquer cientista antecipa ou deseja um determinado resultado antes de realizar a experiência. Mas as conclusões que realmente interessam são as que resultam dos dados dessa mesma experiência, não as que antecipávamos ou desejávamos.

No laboratório, como na vida, se invertermos a ordem desses fatores corremos o risco de sermos forçados a rever por completo a nossa teoria. Claro que a capacidade de revermos e adaptarmos as nossas ideias é não só saudável como intrínseca a uma postura científica perante a realidade. Mas é importante que assentemos as nossas teorias em bases sólidas, sob pena de desperdiçarmos tempo e energia. Às vezes é mesmo melhor esperar para ver.